

A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira¹
Domingos Loureiro²
Teresa Almeida³

Resumo

O presente artigo procura investigar como a natureza fugaz e transitória da água tem possibilitado aos artistas estabelecer relações no espaço e no tempo, cuja experiência subjetiva e sensorial é transportada e materializada na prática artística.

Neste sentido, pretende-se identificar noções de transitoriedade, mutabilidade, impermanência e fugacidade no conceito de memória, analisado a partir das reflexões do filósofo Paul Ricoeur (1913-2005), que se sustenta nas ideias de Henri Bergson (1859-1941), investigando a tradução da memória em imagens. De seguida, procura-se demonstrar através de obras de três artistas Song Dong (1966), Hiroshi Sugimoto (1948) e Roni Horn (1955), como a água, enquanto material, assunto e metáfora, tem permitido perscrutar a passagem do tempo a partir do seu carácter efémero e das múltiplas formas em que se apresenta, adotando na prática artística processos transitórios e paradoxais, num constante diálogo entre ausência e presença, visível e invisível, passado e presente, fugaz e perene.

Palavras-Chave: água, Song Dong, Hiroshi Sugimoto, Roni Horn

Abstract

This article seeks to investigate how the fleeting and transitory nature of water has enabled artists to establish relationships in space and time, whose subjective and sensorial experience is transported and materialized in artistic practice.

In this sense, we intend to identify notions of transience, mutability, impermanence and fugacity in the concept of memory, analyzed from the reflections of the philosopher Paul Ricoeur (1913-2005), which is based on the ideas of Henri Bergson (1859-1941), investigating the translation of memory into images. Then, we try to demonstrate through works by three artists Song Dong (1966), Hiroshi Sugimoto (1948) and Roni Horn (1955), how water, as a material, subject and metaphor, has allowed us to scrutinize the passage of time to from its ephemeral character and the multiple forms in which it presents itself, adopting transitory and paradoxical processes in artistic practice, in a constant dialogue between absence and presence, visible and invisible, past and present, fleeting and perennial.

Key Words: water, Song Dong, Hiroshi Sugimoto, Roni Horn

1

Artista plástica, Mestre em Artes Plásticas com Especialização em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Licenciada em Artes Plásticas pela mesma instituição. Expõe com regularidade o seu trabalho artístico desde 2016 e conta com publicações a nível nacional e internacional.

2

Artista plástico, Doutorado em Arte e Design pela Universidade Porto. Professor Auxiliar na FBAUP, no Departamento de Artes Plásticas-Pintura. Coordenador da Secção da Pintura na FBAUP. Investigador integrado e foi membro da Direção (2017-19) do i2ADS. Integra o Projeto Bases Conceptuais da Investigação em Pintura (2014-19). Organização do ICOCEP (2017, 2019); Organização de eventos de natureza científica. Autor e editor de diversos documentos científicos e académicos. Conta com exposições e coleções em diversos países.

3

Artista plástica, Doutorada em Estudos de Arte na Universidade de Aveiro e Pós-Doutorada na VICARTE. Licenciada em Artes Plásticas - Pintura da FBAUP. Pós-Graduada em "Vidro e a Arquitectura" e "Vidro e as Artes Plásticas" na Central Saint Martins College of Art and Design, Londres; Mestre em Arte/Vidro na Universidade de Sunderland. Professora Auxiliar na FBAUP, colabora com o i2ADS e integra a Unidade de Investigação VICARTE (UIDB/00729/2020). Participa regularmente em congressos internacionais. Possui publicações em revistas internacionais, capítulos de livros e trabalhos de curadoria. Atualmente é membro editorial da revista Éter e membro do comité Internacional do ICOM Glass. Conta com exposições em território nacional e no estrangeiro



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

1. Introdução

O presente artigo procura abordar o conceito de memória segundo artistas que se apropriam das qualidades mutáveis da água para refletirem noções de tempo e de espaço. Na primeira parte visa-se identificar noções de transitoriedade, mutabilidade, impermanência e fugacidade no conceito de memória, analisado a partir das reflexões do filósofo Paul Ricoeur (1913-2005), que se apoia nas ideias de Henri Bergson (1859-1941), de modo a compreender a tradução da memória em imagens. De seguida, serão apresentadas obras de três artistas Song Dong (1966), Hiroshi Sugimoto (1948) e Roni Horn (1955) que procuram dar uma forma visível a conceitos próximos à memória, apropriando-se da água e trabalhando-a enquanto material e sujeito adotando na prática artística processos transitórios e paradoxais. Veremos no trabalho performativo de Song Dong como a fugacidade da água permite pensar a transitoriedade das ações e da existência humana, nas obras de Hiroshi Sugimoto como a água possibilita a compreensão da pluralidade do tempo e em Roni Horn como se verifica a impossibilidade de registar um corpo em constante mutação.

2. Memória

Profundamente interligada com o conceito de tempo e de espaço, a memória é uma faculdade que pode servir para explorar a natureza inconstante do que nos lembramos, possibilitando a construção de imagens que suscitem uma reflexão sobre diferentes momentos temporais. As palavras recordar e lembrar, formas verbais conjugadas no futuro do conjuntivo, estão inerentes a uma evocação futura sobre algo anterior. Raramente nos lembramos de alguma coisa com pouca importância e mesmo quando o fazemos é de forma seletiva e deturpada. (PLATE, SMELIK, 2009)

Lembramos para honrar o passado; recordar faz parte da criação do ser humano e da sua cultura, as imagens ou representações criadas surgem como veículos de sentidos. Nas representações artísticas quando o passado é evocado, o tempo que separa o antes do agora parece não existir e tudo se torna próximo e atual. Fazem-se experiências com imagens e sensações, criam-se representações e montagens com significados atribuídos. (PLATE, SMELIK, 2009)



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

O carácter epistêmico-veritativo é a questão que se coloca em causa quando se trabalha com uma condição que é por natureza seletiva e fragmentada. (ANDRADE, 2012) A possibilidade de registar fielmente algo captado pelos sentidos, quando recordado num momento posterior, apresentará inevitavelmente lacunas. Neste sentido, à condição frágil da memória, podemos atribuir um processo de mutabilidade, uma vez que a imagem recordada apresentará transformações, pois difere da imagem real, devido a fatores cognitivos.

No livro *Memory* de Ian Farr, onde consta o excerto *Memories and Images*, Paul Ricoeur analisa a tradução da memória pura assumindo que esta existe em imagens. O filósofo francês começa por mencionar que o problema dos “rastros mnemônicos” reside na antiga relação entre os termos gregos *eikon* e *tupos*. Segundo uma perspetiva fenomenológica, *eikon* integra em si o outro da afeição originária enquanto o *tupos*, uma impressão criada a partir do *eikon*, envolve uma causalidade externa, a qual se associa um movimento: derrete-se a cera sobre o papel, prega-se com o sinete e surge um desenho, um símbolo ou um brasão. Neste sentido, a partir de *Matéria e Memória* de Henri Bergson, Ricoeur procura entender o papel atribuído ao corpo e ao cérebro, de modo a perceber a relação entre ação e a representação pura, esta derivada da memória das impressões iniciais.

Henri Bergson considera a imagem uma existência entre a “coisa” dada pelo idealista e a “representação” dada pelo realista, entendendo que a matéria não pode ser reduzida à representação que temos dela nem de que produz em nós representações. Bergson considera a imagem fruto da nossa consciência e compreende a relação das imagens em movimento, pois geram reações. Os conceitos de imagem e movimento surgem desta forma interligados e, o corpo, dotado da percepção é o ponto central do movimento das representações; as imagens exteriores transmitem o movimento ao corpo sob a forma de afeição e este restitui-lhes movimento sob a forma de ação. (ANDRADE, 2012)

Para Henri Bergson, abandonar o presente no sentido de recolocarmos no passado é como procurar o foco na máquina fotográfica. No entanto, questiona se a imagem se torna nítida ou permanece nebulosa:



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

“Mas mesmo nele, o passado para o qual ele retorna é fugitivo, sempre a ponto de escapar dele, como se a sua memória retrocedida fosse contrariada pela outra memória, mais natural, da qual o movimento para a frente o leva à ação e para vida.”⁴ (Bergson in Ricoeur in Farr, p.67, trad. livre)

Neste sentido, podemos associar à memória o conceito de impermanência por se caracterizar sempre em função do tempo. As lembranças de ontem estão mais presentes do que as do mês passado e essa continuidade que existe entre o passado e o presente deve-se à duração. Assim, não existindo cortes ou instantes, a memória possibilita que o passado exista no presente através da lembrança. (ANDRADE, 2012)

O esforço de lembrar, num determinado tempo e espaço, também pode ser originado por “pistas” ou “vestígios” de imagens verbais e não-verbais, como um cheiro que nos remete a uma memória passada. Contudo, o ato de recordar estabelece-se em três processos: a codificação, o armazenamento e a recuperação. Primeiro, para se adquirir qualquer informação é preciso a ter apreendido, sendo que a falta de atenção é muitas vezes motivo para tal ato não ser bem-sucedido. De seguida, como essa informação é codificada determinará a forma como a informação será lembrada. Desta forma, origina-se um traçado mnésico no sistema nervoso, de modo a permitir que os dados possam ser utilizados posteriormente. Por fim, surge a recuperação, isto é, quando o indivíduo lembra, seja através da recordação ou do reconhecimento. (GLEITMAN, FRIDLUND, REISBERG, 2014; OLIVEIRA, 2009)

Apesar da imagem-lembrança que surge tender a imitar a percepção e a confundir-se com ela, as suas naturezas são distintas, pois ocorre uma transitoriedade que é dada por uma tradução, visto que a imagem do passado quando recordada atualiza-se ou fixa-se. Assim, Ricoeur esclarece a passagem da memória-pura à imagem-lembrança distinguindo a apresentação da imagem em função visualizante da função irrealizante, sendo que a primeira dá a ver uma lembrança pura e a segunda é resultado da imaginação, afastando-se do real. (ANDRADE, 2012) O ato de lembrar que parece condensar uma nuvem, pode levar a um sentimento de déjà vu, a um colocar diante dos olhos que se acredita fiel, no entanto:

4

“But even in him the past to which he returns is fugitive, ever on the point of escaping him, as though his backward turning memory were thwarted by the other, more natural, memory, of which the forward movement bears him on to action and to life”



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

“Imaginar não é relembrar. Sem dúvida, uma lembrança, como se torna real, tende a viver numa imagem, mas o inverso não é verdadeiro, e a imagem, pura e simples, não será encaminhada para o passado...”⁵ (Ricoeur in Farr, p.68, trad. livre)

Percebe-se então, que as imagens provindas da imaginação assumem desta forma um outro papel, as de imaginação-criadora. De facto, é a atitude imaginativa que **Figura 3. Roni Horn, Some Thames, 2000 – 2001, fotografias a cores e verniz UV (4 elementos). Grupo J; Ed 2/8 64 x 96 cm (cada) Col. Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2002 Foto © Filipe Braga** ameaça o carácter veritativo da memória levando-nos a cair na “armadilha do imaginário”, como afirma Ricoeur, no momento em que acreditamos possuir a memória pura, uma vez que a imaginação é uma faculdade capaz de produzir imagens. (RICOEUR, 2004; ANDRADE, 2012)

Assim, é possível verificar que a memória se estabelece sempre em função do tempo, sendo vulnerável ao enfraquecimento e à desintegração a ela associada - a decadência da memória- um processo metabólico normal, com algumas exceções (como no caso da amnésia). A condição do esquecimento inerente à memória, pode ser visto a partir do conceito de fugacidade, numa permanente tensão entre ausência e presença, visto ser impossível lembrarmo-nos de todos os pormenores da narrativa, guardando apenas memórias seletivas.

No campo da arte, o tema da memória tem sido investigado por muitos artistas e tratado nas suas produções artísticas segundo os diferentes espectros que englobam este conceito tão amplo e diverso, seja através da memória pessoal e coletiva, da fragmentação e apagamento inerente à memória, a passagem do tempo, o significado de objetos e documentos para a memória, entre outros. Contudo, no contexto deste artigo, serão apresentadas obras de três artistas, Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn, que abordam o conceito de memória a partir da água, adotando na sua prática artística processos transitórios e paradoxais.

5

“To imagine is not to remember. No doubt is not true, and the image, pure and simple, will not be referred to the past...”



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

A água, um elemento natural, apresenta-se invariavelmente diferente de momento a momento e impossível de conter, visto ser um elemento em fluxo constante, não conferindo uma forma concreta permanente. Assim, o seu carácter efémero e as múltiplas formas que por sua vez se apresenta, possibilitam ao ser humano a criação de inúmeras metáforas. Adotando as características de fugacidade, mutabilidade, impermanência e transitoriedade da água procura-se estabelecer uma analogia com a memória, na semelhança de características que partilham. Assim, veremos segundo as obras dos artistas mencionados, como a água é explorada, enquanto matéria e qualidade poética, de modo a refletir o conceito de memória.

2.1 Song Dong

O artista chinês Song Dong assume no seu trabalho o carácter metafórico da água para refletir a efemeridade e a transitoriedade das ações e da existência humana. O registo fotográfico da performance *Writing Diary With Water* mostra o trabalho que Dong desenvolve desde 1995, e que consiste em escrever com água num diário feito por um bloco de pedra. O pincel de caligrafia é mergulhado em água e as inscrições são meticulosamente feitas umas seguidas às outras, camada sobre camada na mesma superfície cinzenta. Naturalmente, a água começa a evaporar e os caracteres tornam-se incompreensíveis e fragmentados com a passagem do tempo, até serem substituídos por outros. (ALPHA WOOD FOUNDATION CHICAGO, 2019; WALSH, 2002)

A criação deste projeto teve origem em memórias infantis, resgatadas de quando o artista praticava caligrafia e devido a circunstâncias financeiras, que impediam o pai de comprar tinta e papel, foi impulsionado por ele a escrever com água numa pedra. (WALSH, 2002)

Numa prática pessoal e intimista, a pedra absorve por meio da água os seus pensamentos e reflexões sobre a vida, transcritos na fluidez da caligrafia. O diário, um documento que possui um carácter privado, guarda as anotações diárias desde experiências, emoções, sentimentos e segredos confessados. O bloco de pedra, assim como um diário convencional, tornou-se parte do artista com palavras escritas que ele não tem intenção de partilhar e que ninguém consegue ter acesso aos registos, pois as palavras desvanecem e tornam-se invisíveis, literal e metaforicamente. (WALSH, 2002)



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

Embora faça da escrita uma atividade diária, não existem registos fotográficos (além dos aqui apresentados) deste ato performativo ao longo do tempo. Com uma conotação meditativa, a sua performance consiste numa prática diária de transcrição dos acontecimentos ocorridos, restando deles apenas memórias que só no artista sobrevivem. Assumindo a fugacidade e a transitoriedade da água, a imagem é impedida de se fixar na sua passagem do estado líquido ao estado gasoso, pois enquanto Dong escreve, com a passagem do tempo as letras começam a fragmentar até desaparecerem na sua totalidade. (PACE, 2012)

Neste sentido, podemos também entender que a prática de Song Dong assume um paradoxo relativo ao conceito de memória. A pedra, um elemento natural resistente e com um processo de degradação lento, possibilita que qualquer gravação realizada na sua superfície tenha um período de durabilidade superior devido à resistência do próprio material. Por oposição, a água, um elemento natural efêmero e em constante mutabilidade, revela-se impossível de conter, pois está em constante fluxo. Assim, naquele que seria o suporte natural mais resistente e que possibilitaria o perpétuo de qualquer registo nele efetuado, vemos que em Song Dong a fugacidade da água é assumida de forma a analisar a impermanência e a fugacidade das ações humanas, retratada pela prática experiencial da escrita.

Touching My father (1997-2011) consiste num trabalho realizado em três partes direcionadas à sua figura paternal. Em *Touching My Father* (1997), Dong explora a sociedade patriarcal chinesa, segundo a qual o afeto pelo filho não é demonstrado, e encontra através deste meio uma forma de tocar no seu pai. Este trabalho regista em vídeo a mão de Dong que se movimenta enquanto o artista imaginava que estava a tocar no rosto do seu pai. Posteriormente esta mão foi projetada no corpo do seu pai, enquanto este encontrava-se sentado e a fumar. *Touching My Father* (2002) consiste também num registo em vídeo feito por Dong no funeral do seu pai, e documenta o toque da sua mão direita no coração frio do pai. Retratando noções de vida e de morte, este momento encontra-se selado, de forma a não ser divulgado e visualizado, sendo a fita apenas apresentada enquanto objeto. Contudo, interessa-nos aqui a última parte desse trabalho. Em *Touching My Father* (2011), Dong utiliza a água como suporte para projetar



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

a imagem do seu pai. Embora a água possa funcionar como um espelho, refletindo a imagem do presente, neste trabalho, a projeção da figura evoca uma imagem do passado, uma vez que quando esta obra foi concretizada o seu pai já tinha falecido. (FOK, 2013)

Na imagem projetada é possível identificar os traços faciais do seu pai, contudo quando o rosto aquoso é tocado, a mão trespassa a imagem e a figura dispersa-se e desaparece nos movimentos da água, revelando-se ilusória, não conferindo uma representação estável e imóvel. (MA, 2017)

Embora o artista procura-se pela projeção estabelecer um contato com a figura paterna, trazendo-o ao presente através dos seus traços faciais, esta realidade revelou-se aparente, visto tratar-se apenas de uma representação. Desta forma, a possibilidade de estabelecer contato com a figura real é completamente anulada quando o artista tenta estabelecer o contato físico. Através da água, Dong salienta e reflete a impermanência da matéria, servindo de metáfora para pensar a transitoriedade da vida, revelando-se impossível estar novamente na presença de quem já se foi. (MA, 2017)

Apropriando-se das características transitórias e translúcidas da água, no trabalho de Dong a memória pessoal é explorada de modo a refletir a permanente relação paradoxal que esta assume, dialogando entre presente e passado, visível e invisível, ausência e presença, realidade e aparência.

2.2 Hiroshi Sugimoto

Enquanto Song Dong investiga a efemeridade e a fugacidade da água por uma prática que assume o elemento enquanto assunto e material, de forma que não existam vestígios permanentes apenas memórias, Hiroshi Sugimoto procura no seu trabalho prolongar no tempo um período específico do movimento do mar.

A série de fotografias marítimas do artista japonês, intituladas Seascapes desenvolvidas desde 1980 - até ao momento, demonstram uma preocupação constante com o conceito de tempo, espaço e lugar. Olhar para o mar suscita a reflexão, faz-nos questionar sobre a origem do nosso mundo e das civilizações, do caminho percorrido até ao momento presente, servindo o seu contínuo movimento de reflexo da vida. No trabalho de



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

Sugimoto, o oceano é apresentado de uma maneira muito simples na sua compreensão enquanto elemento de conexão entre o passado e o presente, navegando por ele até uma visão ancestral. (PUBLIC DELIVERY, 2021; VOLODINA, 2016)

Para Sugimoto, o oceano, apresenta-se como a área do planeta cuja aparência é a mais semelhante à percebida pelo homem pré-histórico e das gerações futuras, ao contrário de outros espaços terrestres, bastante modificados pelo ser vivo. O artista entende este espaço não colonizado como uma memória que é partilhada entre o ser humano. (SUGIMOTO, 2018)

Neste sentido, o artista cria um conjunto de fotografias monocromáticas em formato quadrangular divididas ao meio pela linha de horizonte e que posicionam o observador entre a água e o ar, como se estivesse a flutuar. Em algumas fotografias da série, a divisão é bastante delineada enquanto noutras é praticamente inexistente, fundindo os elementos num só. Com recurso a uma câmara fotográfica estilo séc. XIX de grande formato de largura 8 x 10, Sugimoto utiliza um período de exposição de cerca de duas horas. (ARTSY, 2020; PUBLIC DELIVERY, 2021; SEE, 2018; VOLODINA, 2016)

Em *Tasman Sea, Table Cape de 2016* (Figura 1) é possível verificar a fluidez da água estagnada pelo registo fotográfico, ao condensar um período de tempo captado do movimento das ondas do mar. Na fotografia, são apreendidas as contínuas ondulações no espaço e no tempo, que no seu ritmo e movimento repetitivo servem ao artista para perscrutar o tempo a partir da fotografia, estabelecendo o diálogo entre o efémero, enquanto registo de um período de tempo e a infinitude ao prolongar esse mesmo registo no tempo. É também no movimento repetitivo do mar que Sugimoto encontra uma ação que tanto o indivíduo do presente como o homem primitivo percebem de modo idêntico, partilhando a mesma memória. (SEE, 2018)



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida



Figura 1. Hiroshi Sugimoto, *Tasman Sea, Table Cape*, 2016, fotografia, impressão de gelatina de prata, 20 x 24 polegadas, 50,8 x 61 cm, edição de 25. © Hiroshi Sugimoto, courtesy Fraenkel Gallery, San Francisco

Apesar de selecionar diferentes lugares do mundo para capturar as imagens, como o Oceano Ártico, o Mar Negro, o Mar da Tasmânia, Positano, Vesterålen, o Canal da Mancha e os Penhascos de Moher, a similaridade entre os registos, ilude o observador a considerar que se trata sempre do mesmo lugar, em diferentes horas do dia e segundo diferentes condições atmosféricas, como podemos visualizar noutra fotografia da paisagem marítima de Sugimoto, *Bay of Sagami, Atami de 1997* (Figura 2). A semelhança compositiva das imagens, reflete o entendimento do mar como elemento universal e singular, unificador dos diferentes lugares. Por sua vez, as diferentes localizações dos registos são apenas identificáveis através do título atribuído a cada fotografia, evidenciando assim, tratarem-se resultado da construção humana. (ARTSY, 2020; PUBLIC DELIVERY, 2021)

A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida



Figura 2. Hiroshi Sugimoto, Bay of Sagami, Atami, 1997, fotografia, impressão de gelatina de prata, 20 x 24 polegadas, 50,8 x 61 cm, edição de 25. © Hiroshi Sugimoto, courtesy Fraenkel Gallery, San Francisco

Através da fotografia, Sugimoto converge diferentes períodos temporais que são colocados em diálogo; primeiro condensa na continuidade das ondulações no espaço, um período de tempo que já decorreu e já não existe e em segundo permite que essa memória se mantenha “viva” pelo registo fotográfico, conferindo-lhe uma sensação de intemporalidade. Além da sua fotografia registar e atestar uma ação que de fato ocorreu, serve de meio para ativar no presente a memória do passado através dos nossos mecanismos de percepção e lembrança.

Neste sentido, Sugimoto apresenta duas experiências de duração distintas. Num primeiro momento, o observador percebe aquilo que ele considera ser e, assumido comumente pela lógica representacional da criação da imagem fotográfica, o resultado de um momento particular, capturado no imediatismo do obturador fotográfico. (KOEPNICK, 2014) O olhar detém-se nos detalhes das rugas da água, na superfície lisa e indefinida

A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

da água, no espaço vazio ocupado pelo ar, dedicando o tempo necessário a cada um dos elementos presentes na imagem sem que nenhuma alteração ocorra, mantendo-se um registo fixo, uma imagem silenciosa e estável.

Contudo, como descrito no processo de criação das suas imagens, a fotografia de Sugimoto captura além do súbito, sobrepõe diferentes períodos de tempo de modo a investigar como percebemos e estruturamos o tempo. Ao desvirtuar a lógica de representação em fotografia, no sentido de entender a pluralidade do tempo que compõe a nossa realidade, Sugimoto não assume o tempo numa única narrativa linear, mas o perscruta através dos diferentes tempos que concede a cada objeto, ao fluxo da água do mar, enquanto processo contínuo, cujo movimento sempre se realizou e se realizará, estendendo-o por um meio cujo tempo é visto como instantâneo, num processo transitório e paradoxal, do fugaz para o perene.

Assim, em Sugimoto, a fotografia assume uma inversão ao mapear um conjunto de diferentes períodos temporais e experiências de duração contraditórias, oferecendo através da imagem um deslocamento de perspectiva de modo a não definir a realidade temporal numa ideia de princípio e de fim e de compreender que o tempo não é estruturado por uma única narrativa, mas múltiplo.

2.3 Roni Horn

Assim como Sugimoto, Roni Horn também utiliza a fotografia para registar o fluxo da água. No entanto, por este meio ele compreende a impossibilidade de obter um único registo da água, devido à sua constante mutabilidade, de este corpo apresentar-se inevitavelmente diferente de momento a momento.

Em 1999, o artista desenvolveu um vínculo emocional com o rio Tamisa da qual resultaram três projetos: Still Water (1999), Another Water (2000) e Some Thame (2000-2001). Localizado no coração de Londres em Inglaterra, o rio Tamisa nasce em Remble e percorre Oxford, Wallingford, Reading, Henley-on Thames, Marlow, Maidenhead, Eton, Windsor. Esta extensão fluvial já tinha também fascinado os pintores Canaletto, Turner e Monet. (WINTERSON, 2009)



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

A série de fotografias *Some Thames* (Figura 3) reúne 80 registos fotográficos da superfície do rio Tamisa, ordenados por grupos em letras do alfabeto. O conjunto aqui apresentado mostra 4 fotografias pertencentes ao grupo j datadas de 2000-2001. Suprimindo os elementos arquitetónicos e paisagísticos, o artista detém-se em planos aproximados da água, convertendo-a pela fotografia em sujeito e metáfora.

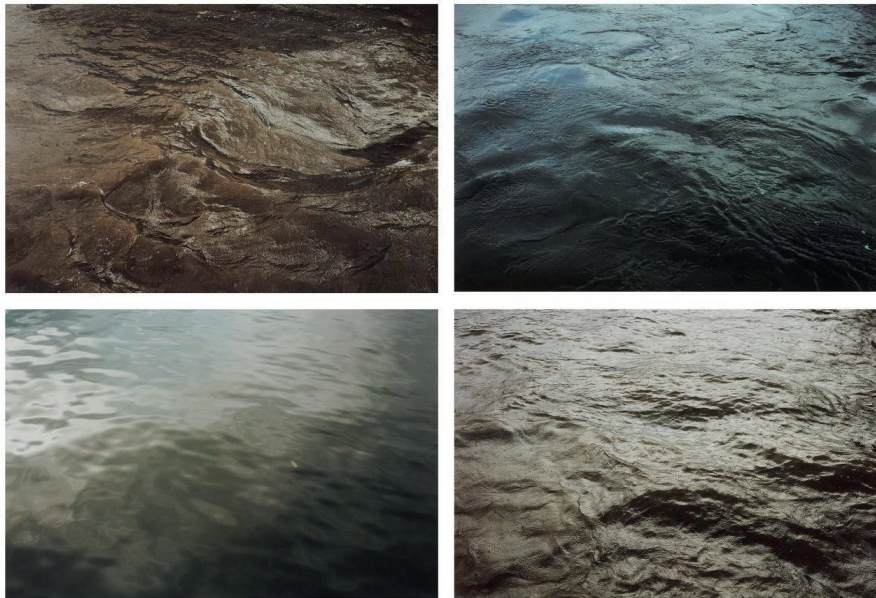


Figura 3. Roni Horn, *Some Thames*, 2000 – 2001, fotografias a cores e verniz UV (4 elementos). Grupo J; Ed 2/8 64 x 96 cm (cada) Col. Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2002 Foto © Filipe Braga

O processo de criação das fotografias consiste em navegar o rio de barco e num método analítico e intimista, Horn capta de perto as ondulações da água e os brilhos irregulares da sua superfície, propiciados pela luz do dia. Como demonstram os autorretratos de água apresentados na figura 3, cada um diverge de fotografia para fotografia e mostram a pluralidade da sua aparência. Convocando o observador a ver além das aparências e a inteirar-se da identidade ao imergir na essência do elemento, o artista procura que através da água sejam ativadas memórias pessoais e convocadas sensações. (PAUL, 2012)

A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

Os detalhes da água enquadrados nos instantes fotográficos expõem a fugacidade do tempo, através de um corpo líquido em sucedidas metamorfoses ocorridas em frações de segundo. Os incessantes fluxos, as condições de temperatura e a sua suscetibilidade à luz implementam-lhe contrastes, conferindo singularidade a cada registo fotográfico: a sua cor diversifica-se em tons castanhos, azulados, verdes-escuros e prateados, numa matéria mutável ora opaca e texturada ora transparente e de pequenos relevos. (PAUL, 2012)

No alinhamento de dois temas fotográficos- a paisagem e o retrato- o artista exhibe autorretratos da água numa poética de semelhanças e redescobertas cromáticas e formais. (PAUL, 2012) Por sua vez, os distintos e múltiplos autorretratos melancólicos, compreendem a impossibilidade de capturar numa única imagem um corpo vivo, fluido, transitório e mutável. Ostentando memórias desse corpo no espaço e no tempo, os retratos da água divergem a cada instante, estagnados pela fotografia.

No conjunto de peças de vidro fundido realizados com a técnica de *kilncasting*⁶ apresentadas na Fundação Beyeler Riehen/ Basel na Suíça em 2017, Horn também explora a transitoriedade do tempo embora neste caso seja através de um material estável e duro. As peças, devido à superfície superior lisa e refletora característica do material, criam a ilusão de conterem água, pois a morfologia do vidro permite estabelecer uma semelhança com esta. No entanto, Horn explora a potencialidade do vidro de modo a fundir o material e o seu contexto, de modo a colocar em causa a nossa percepção, os princípios de identidade e significado. (HAUSER & WIRTH, 2017)

A propriedade refletora do vidro, permite incorporar a passagem do tempo, de modo que uma constante mutabilidade é visível no material sólido e amorfo. Absorvendo partes do espaço e refletindo os diferentes tons da luz natural ao longo do dia, a leitura da peça altera-se consoante estas mudanças exteriores. Uma obra "simples" com uma grande presença, capaz de estabelecer noções de semelhança e diferenças entre a água e o vidro. (HAUSER & WIRTH, 2017)

As suas peças de vidro, tratam-se de objetos que parecem recipientes com água, que ao mínimo toque transbordam um líquido. No entanto, correspondem a objetos sólidos de peso robusto que em certa medida contrasta com a fragilidade do seu material, facilmente quebrável.

6

O *kilncasting* caracteriza-se por uma técnica em que se utilizam moldes para fundir vidro. Um protótipo é realizado antes. Os moldes mais comuns são os de gesso com sílica, posteriormente aquecidos numa mufla, para que em seguida se coloque o vidro no seu interior e funda, adquirindo a forma que o interior do molde possuía. Segue-se um arrefecimento controlado de modo a eliminar as tensões que se criam no vidro, conhecido como "a fase de recozimento". Este recozimento está condicionado pelo formato e espessura do trabalho realizado e, por esse motivo, muitas peças ficam vários dias nas muflas. (ALMEIDA, 2019)



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

Roni Horn começou a produzir esculturas de vidro fundido a partir de 1990, um trabalho que exige um longo tempo de produção. As laterais da peça de vidro têm uma característica fosca, devido ao processo de fabricação em molde e a superfície côncava brilhante é conseguida pelo processo de polimento em fogo. (ARNOLD, 2017)

As qualidades translúcidas e refletoras do vidro criam um efeito de duplicação e uma noção de transitoriedade pode ser entendida ao apropriar-se de um material com características semelhantes à água, e que propicia constantes alterações na peça, mediante o espaço em que se encontra inserida e pelas mudanças que ocorrem no decurso do tempo. Na ilusão criada pela peça, o observador é confrontado com os paradoxos líquido e sólido, água e vidro, aparência e realidade.

Assim como a água, a propriedade refletora do material permite não apenas o envolvimento do espectador, deixando-o exposto, mas também de lhe proporcionar uma experiência imersiva, absorvido nos seus próprios pensamentos. Para a artista, a água é compreendida numa relação contínua e não se revela assim tão transparente, uma vez que a " água é uma forma de relação perpétua, não tanto uma substância, mas uma coisa cuja identidade se baseia em sua relação com outras coisas. A maior parte do que você vê quando olha para a água é o reflexo da luz."⁷ (Roni Horn in Rota, 2018, trad. livre)

3. Conclusão

O tema da memória tem sido recorrentemente trabalhado por artistas ao longo da História da Arte. Alguns, servem-se das características físicas de mutabilidade, transitoriedade, impermanência e fugacidade da água e da sua qualidade metafórica, para trabalhar este tema segundo diferentes metodologias. Nos casos apresentados neste artigo, Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn vimos como a memória é referenciada nas suas produções, segundo práticas que adotam processos transitórios e paradoxais a partir da água.

Em Dong a fugacidade e a translucidez da água possibilitam ao artista refletir a existência e a transitoriedade das ações humanas, encaradas como efêmeras, sujeitas ao seu apagamento no decorrer do tempo. Assumindo a

7

"Water is a form of perpetual relation, not so much a substance but a thing whose identity is based on its relation to other things. Most of what you're looking at when you look at water is light reflection."



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

transitoriedade da água, num conjunto de atos performativos que manipulam práticas quotidianas como a caligrafia, e através dos quais convergem uma série de paradoxos sem que nenhum vestígio concreto e permanente seja realizado pelo artista, reforçando através da transitoriedade da água, o carácter ilusório de toda a matéria.

O tempo, é também uma questão fulcral no desenvolvimento do trabalho de Sugimoto, que o investiga através do mar, um elemento comum de conexão entre o ser vivo ao longo da história. Servindo-se da fotografia como meio, condensa o movimento das ondulações e estende essa memória através de imagens que se fecham e se abrem simultaneamente, de modo a perscrutar como o tempo é percecionado. Recorrendo à ação da água, Sugimoto, inverte a lógica representacional da fotografia e desloca a nossa perceção para evidenciar a pluralidade do tempo, questionando simultaneamente a compreensão que temos deste, que parece ser determinado mediante os diferentes ritmos dos objetos.

Por sua vez, em Horn, a água serve para compreender a transitoriedade do tempo, documentando em fotografias o fluxo constante da água, que se apresenta invariavelmente de segundo a segundo e retratando desta forma a memória de um corpo em movimento constante. A nossa memória é também questionada pelo autor, no jogo ótico conseguido nas peças de vidro do artista, através da ilusão que estas provocam no observador, no uso de um material que apresenta uma morfologia semelhante à água e questionando de certa forma até que ponto a nossa memória é fiel.

Assim, as qualidades mutáveis da água servem aos autores apresentados, para perscrutar os contornos da memória, indistinta com a passagem do tempo, sendo esta representada, avaliada e questionada através de um elemento em constante metamorfose. A sua contínua transformação possibilita capturar e revelar o processo de dissipação no tempo, dialogando entre o presente e o passado, a realidade e aparência, o fugaz e o perene, o visível e o invisível.



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

4. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Teresa. Exposição de vidro e sobre o vidro. (RE)pensar o ensino, 2019, p 8-17. Porto: I2ads edições. ISBN: 978-989-54417-6-1

ALPHAWOOD FOUNDATION CHICAGO. Song Dong (vídeo). 2019. Disponível em: <https://theallureofmatter.org/artists/song-dong/>. Acesso em: 05 jan.2022

ANDRADE, Bruno. Imagem e Memória- Henri Bergson e Paul Ricoeur. Revista Estudos Filosóficos. N°9, 2012, p. 136-150. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2208>. Acesso em: 15 Ag. 2020

ARTSY. Seascapes. 2020. Disponível em: <https://www.artsy.net/artist-series/hiroshi-sugimoto-seascapes>. Acesso em: 23 jan. 2022

FOK, Silvia. Life &Death: Art And The Body In Contemporary China. 2013. USA: Intellect, The University of Chicago Press

GLEITMAN, Henry, FRIDLUND, Alan, REISBERG, Daniel. Psicologia. 10ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2014

HAUSER&WIRTH. Roni Horn. 2017. Disponível em: <https://www.hauserwirth.com/hauser-wirthexhibitions/5931-roni-horn-13>. Acesso em: 22 Ag. 2020

KOEPNICK, Lutz. 2014. On Slowness Toward na Aesthetic of the Contemporary. New York: Columbia University Press

NASHER SCULPTURE CENTER. Roni Horn. 2017. Disponível em: <https://www.nashersculpturecenter.org/art/exhibitions/exhibition/id/467>. Acesso em: 24 Jan. 2022

OLIVEIRA, Alecsandra. Arte como lugar da memória. Revista Travessias , 2009, p. 1-26. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/37523028.pdf>. Acesso em: 24 Jan. 2022

PACE. Song Dong. 2012. Disponível em: <https://www.pacegallery.com/artists/song-dong/>. Acesso em: 21 Ag. 2020



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

PAUL, Francine. Fascinante Tamise. Fascinantes images/ Roni Horn, Some Thames, commissaire: Anne- Marie Ninacs, Galerie de l'UQÀM, dans le cadre du Mois de la Photo, Montréal. 6 septembre- 8 octobre 2011. Etc, 95, p. 49-50, 2012. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/etc/2012-n95-etc019/65954ac.pdf>. Acesso em: 27 Ag. 2020

PLATE, Liedeke, SMELIK, Anneke. Technologies of Memory in Arts. UK: Palgrave Macmillan, 2009.

PUBLIC DELIVERY. Hiroshi Sugimoto's fascinating & tranquil seascapes. 2021 Disponível em: <https://publicdelivery.org/hiroshi-sugimoto-seascape/>. Acesso em: 24 Jan. 2022

RICOEUR, Paul. Memories and Images. In FARR, Ian. Memory. London: WhiteChapel Gallery, 2004, p.66-70

ROUTA, Elisa. Water as a form of perpetual relation by Roni Horn. 2018. Disponível em:

<http://www.panthalassa.org/water-as-a-form-of-perpetual-relation-by-roni-horn/>. Acesso em: 10 Set. 2020

SEE, Grace Ignacia. From Box Camera to Biennales: Six Decades of Hiroshi Sugimoto. 2018. Disponível em: <https://theartling.com/en/artzine/box-camera-to-biennales-six-decades-of-hiroshi-sugimoto/>. Acesso em: 06 Mar. 2022

SUGIMOTO, Hiroshi. Hiroshi Sugimoto Interview: Between Sea and Sky (vídeo). 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JWh4t67e5GM&ab_channel=LouisianaChannel . Acesso em: 06 Mar. 2022

VOLODINA, Natalia. Hiroshi Sugimoto: At times, my fantasies were so vivid i thought I had a mental disorder. 2016. Disponível em: <https://birdinflight.com/inspiration/experience/hiroshisugimoto.html>. Acesso em: 21 de Jul. 2020



A passagem do tempo na obra de Song Dong, Hiroshi Sugimoto e Roni Horn: adoção de processos transitórios e paradoxais na prática artística a partir da água

Andreia Pereira
Domingos Loureiro
Teresa Almeida

WALSH, Julie. Song Dong- The Diary Keeper, in QUEENSLAND ART GALLERY. Asia-Pacific Triennial of Contemporary Art. Australia: Queensland Art Gallery, 2002, p.96-97. Disponível em: [Fhttps://lucian.uchicago.edu/blogs/wuhung/files/2012/12/2002_Song-Dong-and-Yin-XiuzhenChopsticks.pdf](https://lucian.uchicago.edu/blogs/wuhung/files/2012/12/2002_Song-Dong-and-Yin-XiuzhenChopsticks.pdf). Acesso em: 05 Jan. 2022

WINTERSON, Jeanette. Roni Horn- Entering the Flow-World. 2009. Disponível em:

<http://www.jeanettewinterson.com/journalism/roni-horn-entering-the-flow-world/>. Acesso em: 27 Ag. 2020